

cultural

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Setembro 2015 – Nº 272



Edifício Planalto



Edifício Viadutos

Vizinhos famosos da APM

Nelson Di Francesco

Você já deve ter visto esses prédios em vídeos, revistas, fotos, durante caminhadas, ou passando de carro pelo Viaduto Jacareí e pela Rua Dona Maria Paula, aqui na região central de São Paulo, mais precisamente onde começa o bairro da Bela Vista. Um entroncamento de bairros: Bela Vista; Liberdade; Consolação; e Centro. Não importa, esses edifícios podem ser avistados de longe, são imponentes, famosos e maiores do que a possível polêmica geográfica.

Uma referência para satisfazer sua curiosidade: a Câmara Municipal (Palácio Anchieta) está localizada entre eles.

São obras arquitetônicas do desenhista autodidata (ele não era arquiteto formado) e construtor paulistano João Artacho Jurado (1907-1983), edificadas principalmente nas cidades de São Paulo e Santos, durante a década de 1950.

Foi nesse período que ele projetou e executou, pela Construtora e Incorporadora Monções, da qual era um dos sócios, a

maioria das construções, todas com finalidade residencial. Os bairros escolhidos foram Vila Romana, Perdizes, Brooklin, Higienópolis, República e Bela Vista. Destacam-se os Edifícios Duque de Caxias, General Jardim, Pacaembu, Piauí e Sabará, Cinderela, Parque das Hortências e Parque das Acácias, o Saint Honoré (na Av. Paulista), Louvre (na Av. São Luís), e o fantástico Bretagne, no bairro de Higienópolis. Este último, apontado pela revista inglesa Wallpaper, como um dos melhores edifícios do mundo para se viver. O Bretagne, de fato, ainda é um dos mais bonitos, charmosos e cobiçados de São Paulo.

Polêmico por causa de seus sonhos de conforto, beleza e prazer, uma vez que não gostava de lugares apertados e apartamentos escuros, Artacho Jurado começou a introduzir elementos novos para a arquitetura da época e, com isso, foram surgindo arquitetos que se declararam seus inimigos, em razão de sua ousadia e do fato de ele não ser arquiteto.

Uma coexistência de diversos estilos: ao lado do moderno, juntaram-se o *nouveau*, o déco e o clássico. Sacadas ornamentadas com flores, elementos vazados em cerâmica, azulejos, mármore, ferro, moldura em pastilha “vidrotil”, cores rosa e em tons pastel, terraços, paredes abauladas, formas arredondadas e pilotis, entre tantas outras inovações.

“Ao projetar os edifícios Piauí e Sabará, no início da década de 1950, ele percebeu as necessidades e sonhos de moradores de condomínios verticais, como a praticidade de se morar em um apartamento, mas com a comodidade e o espaço de morar em uma casa... Instala *balls* pomposos, salão de festas, sala de crianças, bar, jardim de inverno...” (in, “Polêmico Artacho: do kitsch ao cult” — Revista de Arquitetura e Urbanismo — edição 174, setembro de 2008).

Indico também a leitura do livro “Artacho Jurado: arquitetura proibida”, de autoria de Ruy Eduardo Debs Franco — ed. Senac — SP — 2008, fartamente ilustrado, em que podem ser vistos detalhes das plantas arquitetônicas de alguns prédios, campanha publicitária para lançamento de outros, além do Condomínio Parque Verde Mar (praia do Boqueirão) e o Edifício Enseada (Ponta da Praia), ambos na cidade de Santos. Conheci um apartamento no Parque Verde Mar, ainda nos anos 1960, no auge! Simplesmente fantástico, e até hoje chama a atenção de quem caminha pela orla marítima.

Voltando aos dois edifícios, objeto desse artigo, fotografei-os em agosto de 2015. O primeiro, na foto à esquerda, é o Condomínio Edifício Planalto (Rua Dona Maria Paula, 279) cuja construção terminou no ano de 1956. Tem área total de 27.000 m², com 294 apartamentos (originalmente) de 1 e 2 dormitórios, com área variando entre 44 e 127 m² úteis. Três blocos com 26 pavimentos e 10 elevadores são suas outras características.

Seu *hall* é usado para exposições de arte e fotografia.

A outra foto mostra o Condomínio Edifício Viadutos (Praça General Craveiro Lopes, 19), assentado em pura rocha — onde

foram abertos espaços para as sapatas de concreto —, foi concluído em 1955. Sua área total é de aproximadamente 30.000 m².

A planta original previa 368 apartamentos distribuídos em 23 andares. Cada andar com 12 apartamentos compostos de sala, quarto, cozinha e banheiro, além do terraço; e outros 6 apartamentos com sala, 2 dormitórios, copa/cozinha, banheiro social, quarto e banheiro para empregada, área de serviço, entradas separadas e terraço.

Alguns apartamentos pequenos foram fundidos, por opção do comprador, ainda na planta. O “Viadutos” foi lançado no ano de 1951 e vendido em uma semana, sendo que 60 unidades foram para compradores das cidades de São José do Rio Preto e Franca.

A cobertura tem um andar vazado e pilares azuis sustentam o grande salão de festas envidraçado, em 360 graus, de onde se avista um dos panoramas mais bonitos de São Paulo.

Os amplos salões de festas desses dois edifícios são utilizados para a gravação de comerciais para a TV, videoclipes e filmes. Festas e eventos concorridos também acontecem frequentemente.

Suas fachadas são tombadas pelo CONPRESP (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo), e os apartamentos são disputados por artistas, profissionais liberais (antiquários, decoradores, produtores culturais) estudantes ou empresários em busca do charme *vintage*, que não se preocupam com o fato de haver poucas vagas de garagem. A região não tem trânsito complicado e é fartamente servida por táxis e linhas de ônibus.

Quase tudo está por perto. Em 10 minutos de calma caminhada, você chega à Estação Anhangabaú do metrô, ao terminal de ônibus Praça da Bandeira, à Biblioteca Mário de Andrade, ao Centro Cultural do Banco do Brasil, ao Espaço Cultural dos Correios, à Caixa Cultural, ao Fórum João Mendes, ao Shopping Light, ao Teatro Municipal, à Avenida Nove de Julho, à Rua da Consolação, à Rua Augusta, à Avenida Brigadeiro Luis Antônio (onde está a sede da APM), a igrejas, universidades, cantinas, restaurantes, teatros, padarias, supermercados, lavanderias, feiras livres (duas aos domingos), barzinhos, além de toda a infraestrutura de comércio e lojas. Não falta absolutamente nada, ao contrário, sobra...

A vida boêmia da cidade pulsa por lá, ou por aqui, afinal eu resido pertíssimo do “Planalto”.

Gostou de conhecer um pouco mais dos nossos vizinhos famosos? Pensa em comprar ou alugar um apartamento? Ótimo, mas precisará fazer um cadastro e ficar na fila... Boa sorte!

O Cavalo Branco da Oportunidade

Claudia Dalé Perini

Desde criança, ouço a expressão “a oportunidade é como um cavalo branco que passa uma única vez na sua vida”.

Não sei dizer ao certo de onde vem essa frase, se do meu pai que sempre filosofa a respeito das situações cotidianas ou se é de algum célebre pensador.

Não sei... Mas sempre ouvi essa expressão.

Conforme fui crescendo, algumas vezes me frustrando e, em especial nesses momentos, o tal cavalo branco me assombrava e eu pensava: Cadê ele? E eu mesma respondia: provavelmente passou e eu não vi. Como posso não ter visto um cavalo branco?

Uma noite dessas, estatelada no sofá, zapeando pelos canais da televisão, esperando o sono bater, uma propaganda de ração de cachorros me chamou atenção. Era uma história. Mostrava um adulto jovem contando como era sua vida, que morava sozinho e sempre teve o sonho de adotar um cachorro.

A mãe do rapaz, passeando pelas ruas, percebeu que uma pequena cadela maltratada a estava acompanhando, lembrou-se do desejo do filho e acabou recolhendo o animal e levando-a ao rapaz.

Lola, como passou a ser chamada, foi aceita e amada imediatamente.

Depois de algum tempo no novo lar, Lola mostrou sinais de algum problema de saúde, o rapaz a levou imediatamente ao veterinário e descobriu que ela estava parindo.

Como ele morava em um apartamento muito pequeno não poderia ficar com as duas, entrou nas redes sociais e divulgou o nascimento da filhota da Lola, oferecendo-a para adoção.

Uma jovem se interessou e foi conhecer o filhote, Lola e o dono de ambas.

Resumo: os jovens se casaram, juntaram os mascotes e depois de pouco tempo, tiveram um filho.

No início do programa o rapaz disse algo mais ou menos assim: “quando você faz sua parte, o mundo conspira a seu favor”.

Na verdade, esse é um resumo da frase do célebre escritor e pensador Goethe, que diz:

“no momento em que realmente nos decidimos, então o universo começa a agir também. Todo tipo de coisa começa a ocorrer, coisas que não ocorreriam normalmente, mas que acontecem porque você tomou a decisão. Uma série de eventos flui dessa decisão, levantando a nosso favor todo tipo de imprevistos, encontros e assistência material que nenhuma

pessoa no mundo poderia planejar que ocorresse na sua vida. Seja lá o que você possa fazer, ou tenha o sonho de fazer: comece. O arrojo tem dentro de si inteligência, poder e magia. Então comece agora.”

Você pode estar se perguntando: o que a história da Lola tem a ver com Goethe?

Não existe Cavalo Branco, existem “Lolas”, existem oportunidades de nos relacionarmos com o mundo à nossa volta, com pessoas, situações.

Quando acordamos ensimesmados em nossos problemas, os reais e os que criamos, não percebemos nem o que tomamos no café da manhã e saímos para o mundo cegos de olhos e mente, com os nossos sentidos embotados, omitindo-nos dos acontecimentos que nos rodeiam durante o dia, deixando de perceber as pessoas que passam por nós, os cheiros, as cores...

Somos energia, imersos em um mundo de energia onde a inexorável lei de Newton de ação e reação não perdoa, para o bem ou para o mal.

Deveríamos conspirar a nosso favor, movimentar nossa energia a nosso favor, do momento que abrimos os olhos até o fim do nosso dia. Quando passamos a fazer parte da nossa história, movimentamos energias até então estagnadas que reverberam no meio, no outro, nas coisas. E essa onda energética retornará para nós, trazendo-nos de volta o que mandamos.

Em um determinado momento do programa o rapaz disse: “eu dei uma família para Lola e ela me retribuiu com uma família”.

Não quero mais simplesmente ir. Quero vivenciar os meus trajetos, as pessoas e as oportunidades que me são dadas.

Quem sabe quantas “Lolas” passam por nós e não enxergamos?

Então, chegamos em casa cansados, exaustos, exauridos... carrancudos, reclamando da falta de sorte e de oportunidades.

Ainda esperamos o Cavalo Branco, reluzente, esplendoroso, com a nossa oportunidade servida em uma bandeja de prata. Recusamo-nos a fazer o primeiro movimento e não percebemos que provavelmente as nossas oportunidades são simplesmente “Lolas”.

Claudia Dalé Perini
Enfermeira

No país dos absurdos, os absurdos no futebol

Antonio Carlos Gomes da Silva

Há alguns meses cataloguei uma série de absurdos que, na minha opinião, decorrem de uma mentalidade tacanha, raiz do atraso no desenvolvimento deste maravilhoso país. Daí o título de *País dos Absurdos*.

Entre outros, alguns absurdos: lei “mais médicos”, lei das palmadas, leis trabalhistas que tolgem a produtividade, cotas raciais, maioridade penal aos 18 anos, salário para presidiário mesmo que não trabalhe, visita íntima para presidiário que resulta no aumento do seu ganho mensal, e por aí vai até o mais recente: acabo de ser multado por ultrapassar um... ciclista!

Neste ano passou a vigorar uma nova interpretação da participação das mãos e dos braços no futebol principalmente quando há o choque com a bola. Desde que aumente a área do corpo interrompendo a trajetória da bola, falta. Como geralmente ocorre na grande área, pênalti. ABSURDO.

Preliminarmente, faz-se necessário conhecer a 12ª das 17 regras do futebol de campo que versam sobre as faltas e incorreções.

Diz ela: “Um jogador que cometa **intencionalmente** uma das nove faltas seguintes será punido com tiro livre direto, cobrado do local onde ocorreu a falta”.

E em seu último item, o 9º: “falta: carregar, golpear, ou arremessar a bola com a mão ou o braço”.

“Se qualquer dessas faltas for cometida por um defensor dentro de sua grande área, será punido com um pênalti.”

Pois bem. Hoje, praticamente em todos os jogos oficiais, o árbitro assinala pênalti quando do encontro da bola com o braço ou a mão do defensor que esteja dentro da grande área. Repito, UM ABSURDO. A regra é clara, como diz um ex-árbitro, hoje comentarista de jogos pela TV, mas justifica tais pênaltis porque os braços não estão colados

ao corpo, aumentando, assim, a área que pode bloquear a passagem da bola. Logo, o jogador agiu intencionalmente para beneficiar seu time. Ora, é impossível praticar qualquer esporte com os braços imobilizados junto ao corpo.

Por essa elementar razão, só existe uma possibilidade de falta quando do choque da bola com os braços ou com as mãos: **a intenção** do defensor em movimentá-los em direção à bola para obter vantagem. Mesmo assim, há quase um consenso em não punir quando esse movimento se der para proteger alguma parte sensível do corpo do defensor.

No entanto “bola na mão” (como se usa dizer) hoje é tratada como falta, ou pior, pênalti, porque os árbitros estão mais focados nessa situação quando ocorre na grande área.

Acostumados com a simplificação “bola na mão ou mão na bola é sempre pênalti”, no dizer dos boleiros, adotada em jogos de futebol *society* para evitar brigas, muitos torcedores, e até, pasmem, cronistas esportivos desconhecedores das regras do futebol costumam exigir a marcação de pênalti quando a bola vai em direção ao gol, mas tem sua trajetória interrompida pelo choque com o braço ou a mão do defensor. Portanto, incluem mais uma variável que inexistente nas regras: **em direção ao gol**. Não existe essa interpretação. Desde que não haja intenção, quer dizer, desde que seja casual, não é pênalti coisa nenhuma. Repito o bordão do tal ex-árbitro, isto é, a regra é clara: a condição *sine qua non* é a INTENÇÃO de interromper a trajetória da bola.

Contudo, o que vemos hoje em dia nos jogos de futebol é um festival de tapas e cotoveladas. Em quase todos os jogos, aqui no Brasil, ao menos um jogador atinge o adversário com uma cotovelada ou um tapa na cara, cuja consequência geralmente é um ferimento cortante com sangramento. Sob o pretexto de defender a bola, com a conivente



Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/>>.

opinião de muitos cronistas esportivos, o árbitro nem falta assinala na maioria das vezes. Verdadeiro contrassenso: de um lado concede um pênalti em toque involuntário, mas de outro deixa de punir uma agressão. Quanta incoerência!

Futebol vem do inglês *foot*, que significa pé. Logo, é jogado com os pés que não têm as excelsas qualidades das mãos. Portanto, com muito menos recursos os pés fazem dos futebolistas verdadeiros artistas. Mas quando usam os pés, e não as mãos ou os braços.

Hoje, os braços são usados tanto para impedir que o adversário jogue quanto para aterrá-lo ou para agredi-lo, com a desculpa esfarrapada “uso legal para proteger a bola”, já comentado. Alguns jogadores até parecem nadadores ao enfiar os braços ombro adentro do adversário para impedir que executem uma jogada. Verdadeira braçada de nado livre. Ora, a bola deve ser protegida com o corpo e com os pés, pois esta é a essência do futebol. Nunca com a participação dos braços. Outro ABSURDO.

Isso foi só o começo, porque com a necessidade de usar os braços para impulsionar o salto, os jogadores de futebol estão se transformando em lutadores do MMA (ou coisa

que o valha). É um festival de tapas, murros e cotoveladas que poderá acarretar uma parada cardíaca no dia que acertar em cheio o pescoço do adversário na região do glomo carotídeo. Aliás já tivemos a morte de um goleiro (na África?) após chocar-se com um avante. Creio ter sido esse o motivo. E os complacentes árbitros dão apenas falta e raramente advertem o infrator. Pergunto: qual é a punição ao jogador de basquetebol que usa as pernas para dar uma rasteira no adversário? Eliminação do jogo!

Caso se mantenham essas ABSURDAS interpretações, particularmente a relacionada a “bola na mão” que resulte em um pênalti, falta capital que pode decidir a vitória ou a derrota de um time, sugiro que os jogadores ou amarrem seus braços no corpo ou façam uma operação, colocando uma prótese que permita desatarraxar os braços ao entrar em campo, voltando a recolocá-los nos ombros ao final do jogo.

Antonio Carlos Gomes da Silva

Médico e Membro da Academia de Medicina de São Paulo

Pernoites. Percalços. Percutâneas picadas... Perniciosos... PERCEVEJOS!

Arary da Cruz Tiriba

De 2012 a 2015... percevejos! Com todo o vigor, assinalados em Nova York, a ponto de hoteleiros empregarem cães farejadores para identificação de hospedarias infestadas.

Ora! Nova-iorquinos estão por nos descobrir, a este autor, fonte individual para pesquisa — incomparável armadilha humana —, pois que já atraímos os chupa-sangues em momentos polares, ao início e ao final do curso para a profissão que elegemos — o de medicina.

1942... Aos 16 anos, desatracamos do cais litorâneo, aceitando adeus ao *Gymnasio Santista*, tradicional Colégio Marista, com o objetivo de nos matricular no pré-médico da capital. Primeiro contato com a São Paulo de 800 mil habitantes! Imensa... para quem procedia do bairro do Macuco, em Santos! Desembarcamos na Estação da Luz, dinheirinho contado, mil réis, dois, cinco mil réis... Não ousamos procurar hospedagem à distância do terminal ferroviário, para que não nos perdêssemos. Diante da Estação, casarões centenários com anúncio “VAGAS” (em Santos, as oceânicas; no albergue, *ondas*, as do colchão de capim...). Pernoite barato, não individual, com direito a baratas, mas surpresa! Às horas da madrugada, a luz é acesa, não por nós, pelo desconhecido que se aloja na camilha ao lado! Medo, só, mas não bastante. Luminosidade — súbita — expõe a profusão de insetos batendo em retirada por lençóis e paredes! Os tais percevejos!!! Maciça a infestação! Ao gosto *hitchcockiano*.

Ora! Na manhã seguinte... caroços vermelhos, duros... grosseiros carimbos dos tatuadores sanguinários! Coceira pra lá da conta! Primeira lição prática de introdução à profissão: *Parasitologia Médica ao vivo!*

1950... Virando a página, lição segunda. Sexto e último ano do Curso Médico, canudo à mão! Comemoração em

Buenos Aires! Economias amealhadas, 9 de julho de 1950, quadrimotor *Panair do Brasil* ronca 4 horas, deposita-nos — os doutorandos da Escola Paulista de Medicina — em Ezeiza. Nove de julho, repetimos, data magna argentina [*nenhuma relação com a revolução bandeirante!*] Nacionalismo exacerbado — de Perón —, população do país inteiro acorrera à Capital! *Supersuperlotação* da hotelaria! Sem pousada, do aeroporto para a rua! Comitiva dispersa. E agora? Colegas, os remediados, de alguma forma conseguem alojamentos razoáveis. Um calhambeque da época leva-nos à *pensión* coletiva em *la Boca*. Não deu outra. Ao nascente do dia imediato... despertar cheio de caroços; intenso, o prurido, decorrente das picadas do asqueroso!

Pior! Um catedrático da universidade austral oferece-nos recepção em sua residência. Convidara algumas *niñas* para a confraternização acadêmica portenho-paulistana. Ao fixar sua visão em nosso pescoço lesionado, sentenciou, alta voz, inapelável:

— *Brasileno... Sífilis!*

Dói, não dói? A essa altura, nós, por dever de ofício *expert* do repulsivo *Cimex lectularius*, submetido — segunda vez —, ao inseto da cama! Diplomáticamente, não denunciemos o endereço do pulgueiro para não ferir brios dos orgulhosos *hermanos*. Contida *la gana*, mas vontade de sobra para retrucar, à insinuação ofensiva, em portunhol. Pornografia? Apenas sutil...

— *Perdón Maestro! Brasileno, sí! Picadura! Picadura! Pero nada de sífilis!*

Desventuras não bastantes! 16 de julho, ainda no país irmão, suportamos *nosotros, brasilenos en las calles, el “temporal” fantástico, la “lluvia”* copiosa! De chistes! Final da Copa do Mundo: Brasil 1, Uruguai 2! *Maracanazo!* Para ficar na história...



Tu Buenos Aires querido / cuando yo te vuelva a ver / no habrá más penas ni olvido...

— Grande Carlos Gardel! *También no habrá más “chinches”...* percevejos, esse, o nome que se dá?

Teria sido uma razão para especialização, do A., em doenças transmissíveis que incluem as produzidas pelos ectoparasitos hematófagos (pulgas, carrapatos, mosquitos, *barbeiros*). *Qui sta il busillis...*

Até aqui, palavra, a do estudante. Agora, a fala do especialista.

Previsível a reedição, em nosso meio, do parasito, tantas as excursões turísticas à atualidade mundo afora...

Daí, advertência, leitor! Antes das dormidas, conveniente avaliar as condições de limpeza do albergue, se cheira bem, se cheira mal. Ambiente malcheiroso deve-se, em parte, às fezes do inseto integradas ao sangue digerido; seu odor, desagradável, é penetrante, o porquê dos cães farejadores mencionados.

Males epidêmicos, pestes, registradas desde a antiguidade, têm sido supostos extintos, fazendo-nos crer que estamos a salvo da reedição dessas ameaças. Querem ver? Sífilis, lepra, peste bubônica, tuberculose, cólera, antraz, raiva, malária, parotidite (caxumba, “papeira”), sarampo, escarlatina, tifo epidêmico, meningite cerebrospinal epidêmica, influenza, escabiose... inquietas! Surpreendentes! Qualquer que seja o continente, até no primeiro mundo! Não bastassem tais fontes epidêmicas, conhecidas dos nossos ancestrais, incorporam-se identidades mais recentes influenciadas por turismo, às vezes, por estado físico de imunodepressão: criptosporidíase; *hantavírose*, legionelose, febre do Nilo ocidental, diarreia de viajante... É pouco? Mas não se perturbem, em ação, já, já... sua *perspicácia!*

Arary da Cruz Tiriba

Professor universitário (EPM/UNIFESP),
Emérito da Academia de Medicina de São Paulo

Sextina do amor maior

Sérgio Borges Bálsamo

A vida vai passando e nunca muda
o silencioso amor que dentro trago
do pobre coração de há muito longe.
Aquela que me inspira jamais soube
da pequena fagulha que hoje é chama,
do ardente amor que implora numa prece.

Há muito tempo rezo a mesma prece,
mas penso que esta sorte já não muda
e mais se afasta quanto mais se chama.
E por isso calado sempre trago
o nome dela que não sabe ou soube
do amor que lhe dedico, mesmo longe.

E por mais que seus olhos fiquem longe,
estão presentes nesta minha prece,
tão contrita, eu que reza jamais soube.
Eis o que amor nos faz, inova e muda,
e como santa em um altar a trago,
mantendo acesa rubra e casta chama.

Consumido por esta ardente chama
não sei quanto consigo ficar longe
daquela que no peito impressa trago.
Mas penso que se ouvisse minha prece,
calada ficaria e sempre muda,
não saberia do amor, nunca soube...

Mas eu que apaixonado há tanto soube
que amor pode atear candente chama,
inda espero por ela, que não muda,
que permanece intocável e longe,
tão distante do alcance desta prece,
indiferente à dor que viva trago.

Que faço do amor que no peito trago,
que puro e acalentado já se soube,
traria em resposta a esta prece,
frondosa árvore, que assim se chama
o amor que vem crescendo desde longe
como cresce uma planta desde muda?

E nada muda se server um trago
de amargo fel ao longe... Sempre soube
da inabalável chama desta prece!

Coluna do livro



Formulario

Se do bom vinho dermos um gole em cálice de cristal e outro em copo descartável de plástico, embora ambos os recipientes contenham a mesma bebida, o prazer do deguste é incomparável.

Essa mesma diferença entre o cálice de cristal e o copo de plástico vale para o livro de papel e o *e-book*. O conteúdo da obra é o mesmo, mas, a bem ver, o sabor da leitura é absolutamente outro.

Um dos melhores exemplos do que se está a dizer é o *Formulario*, de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, pela beleza visível da encadernação.

O livro, que seguramente está entre os mais interessantes da Medicina, descreve os medicamentos, as doses, as doenças em que são empregados, as plantas medicinais indígenas do Brasil, além de trazer um compêndio alfabético das águas e estâncias minerais de diversos países.

O autor, Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (nome brasileiro), nasceu na Polónia, em 1812; a seguir, ainda na infância, mudou-se para a França e imigrou para o Brasil em 1840. Aqui dedicou-se a terminar o livro de que se fala, originalmente publicado em língua portuguesa. A finalidade era, de forma simples, explicar os remédios, a posologia, as doenças, os procedimentos básicos para orientar

leigos e acadêmicos, mostrando-lhes como dar os primeiros socorros aos doentes.

Assim nasceu o *Formulario*, editado em 1841, que se tornou, por muitas décadas, referência para questões médicas. Em 1855, Chernoviz retornou à França, onde faleceu em 1881. Com a sua morte, o livro não parou de ser editado e foi grande sucesso de venda. A obra da APM é a 18ª edição, de 1908, a penúltima, adquirida por Faris Michalany, em 1911, e doada à Associação por seu filho, o saudoso professor Jorge Michalany, nos anos 2000. Está em excelente estado de conservação, impresso em Paris pela Livraria R. Roger e F. Chernoviz. São 2.342 páginas em um só tomo. Capa de couro, com relevos e muitas ilustrações no miolo.

Guido Arturo Palomba
Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** José Luiz Gomes do Amaral

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.